DESDOLARIZAÇÃO, OU O ADVENTO GRADUAL DE UM NOVO MUNDO

*Por Alexandre Aoun**



Imagem gerada por Inteligência Artificial/Microsoft Bing.

Se, por um lado, os países emergentes dos BRICS têm muitas diferenças fundamentais, por outro eles concordam com o desejo de prescindir do dólar.

Vários países estão empenhados em negociar nas suas próprias moedas e opõem-se ao domínio do dólar americano, nomeadamente os BRICS e os estados sancionados por Washington. Se alguns economistas vêem isto como o fim da dominação do dólar, outros consideram este fenômeno muito marginal.

"A desdolarização é irreversível", declarou Vladimir Putin por ocasião da 15ª cúpula dos BRICS em Joanesburgo, África do Sul, em 24 de agosto. Para a Rússia, esta alternativa ao dólar não é nova. Já em 2014, devido às sanções ocidentais após a anexação da Crimeia, Moscou já tinha iniciado uma mudança monetária para evitar medidas coercivas ocidentais. O governo russo começou a diversificar suas reservas, nomeadamente aumentando a parte detida em yuan. Também desenvolveu seu próprio sistema de comunicações financeiras, o SPFS ("Sistema de Transferência de Mensagens Financeiras"), para reduzir sua dependência da rede ocidental SWIFT. Em 2015, as autoridades russas também confiaram em seu próprio sistema de cartão de crédito, o Mir, para prescindir da Visa e da Mastercard. Vários países da Ásia Central o utilizam, como a Armênia, o

Uzbequistão, a Bielorrússia, o Cazaquistão, o Quirguistão, o Tajiquistão, a Ossétia do Sul e a Abecásia.

"A desdolarização é uma tendência importante que foi acentuada pela guerra na Ucrânia. A marginalização da economia russa e a extraterritorialidade da lei americana forçaram a Rússia a encontrar uma alternativa", explica Thomas Flichy de la Neuville, diretor da cátedra geopolítica da e Rennes School of Business, em entrevista à *Factuel*. Os Estados Unidos e seus aliados ocidentais congelaram, de fato, mais de 300 bilhões de euros em ativos do Banco Central russo e várias dezenas de bilhões de euros de vários ativos pertencentes a pessoas ou entidades sancionadas.

A ASCENSÃO DO YUAN

É a moeda chinesa, o yuan, que tem tirado proveito disso para ocupar cada vez mais espaço no comércio mundial. Desde a guerra na Ucrânia, o renminbi chinês tem-se espalhado a toda velocidade. Pequim está de fato aumentando acordos com alguns de seus parceiros para prescindir da moeda americana e denominar suas trocas em yuan ou na moeda local dos países. O petróleo e o carvão russos são agora pagos em yuan, a China e o Brasil agora negociam em renminbi e real. A Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos e o Iraque abriram caminho para transações denominadas em yuan com Pequim. A gigante francesa TotalEnergies vendeu GNL à China pela primeira vez em moeda chinesa em março passado.

A partir de 2005, Pequim internacionalizou lentamente sua moeda para apoiar a ascensão da sua economia, ao mesmo tempo que a desdolarizou. Em 2010, as empresas chinesas foram autorizadas a pagar suas importações e exportações em yuan, o que anteriormente era feito em dólares. Além disso, o Império do Meio está utilizando seu projeto faraônico da Rota da Seda para estabelecer ainda mais sua influência na Ásia e na África. Desde o lançamento desta iniciativa, a China gastou mais de 900 bilhões de dólares em infraestruturas, sob a forma de empréstimos a mais de 150 países. Transações denominadas em yuans.

Apesar da crescente influência da moeda chinesa, Nicolas Ravailhe, professor da École de Guerre Économique (Escola de Guerra Econômica), considera que há um "efeito publicitário, continua marginal e muito localizado, Pequim não tem vocação para ocupar o lugar do dólar, pelo menos não agora". Segundo ele, os principais centros financeiros, em Singapura, na Europa e nos Estados Unidos "não pretendem usar o yuan". O especialista em questões monetárias europeias continua seu raciocínio destacando "os excedentes comerciais da China": "Tem todo o interesse em enriquecer em dólares e euros, como faz com a Alemanha e com os Países Baixos no continente europeu.

Para além do renminbi chinês, a desdolarização é, no entanto, um fenômeno real. "Este processo monetário afeta cada vez mais regiões e ganha substância muito além do discurso político", especifica Jacques Sapir, Diretor de Estudos da École des Hautes Études en Sciences Sociales (Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais). A Rússia vende petróleo à Índia em rublos, o Paquistão e o Irã comercializam nas suas próprias moedas, Nova Délhi e Riad estão em processo de

comércio nas suas próprias moedas. Partes inteiras da África, Ásia e até mesmo da América do Sul, que estão sob influência russa, chinesa e indiana, também são tentadas a negociar com outras moedas que não o dólar americano.

Como disse uma fonte diplomática iraniana numa investigação anterior, Moscou e Teerã interligaram seus sistemas bancários para contornar o dólar e, assim, contornar as sanções financeiras. Desde a troca de bens por petróleo, passando por malas cheias de dinheiro, até à criação de criptomoedas, os países sancionados desenvolveram economias paralelas.

O ADVENTO DE UM MUNDO MULTIPOLAR

"Este desejo de desdolarizar o comércio global é prerrogativa dos BRICS, este processo monetário é consubstancial com o advento de um mundo multipolar", especifica o geopolitólogo Thomas Flichy de la Neuville. Inicialmente denominado BRIC em 2009, o grupo reuniu Brasil, Rússia, Índia e China, integrando depois a África do Sul a partir de 2011.

Se estes países emergentes têm muitas diferenças fundamentais, eles concordam com o desejo de prescindir do dólar. A última cúpula em Joanesburgo confirmou isto. Além do alargamento a seis novos países a partir de 1º de janeiro de 2024 (Etiópia, Irã, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Egito e Argentina), os BRICS deram ênfase aos pagamentos em moedas locais.

No entanto, se o número de países que desejam negociar na sua própria moeda continuar a aumentar, a participação do dólar no comércio internacional continua sendo dominante. Segundo dados do SWIFT, em julho passado o dólar permaneceu como a moeda mais utilizada para transações internacionais, com 46,5%.

Publicado no Le Dialogue.

***Alexandre Aoun** é jornalista franco-libanês e analista geopolítico especialista no Oriente Médio. Tem formação em História e Geografia e mestrado em Relações Internacionais com especialização no Mundo Árabe. Com experiência profissional no Líbano e na Síria, conhece profundamente a rede social e religiosa das sociedades orientais. Fundou o site monorient.fr, onde analisa as notícias, a história e a cultura do Oriente Médio. Seu trabalho tem sido publicado em meios especializados como Chronik, Middle East Eye, Orient XXI, Le Monde Arabe, IHEDN e Journal International. Atualmente é repórter da equipe editorial do Sputnik News.*